



INTERCÂMBIO

Espiritualidade/religiosidade e psiquiatria em Eugenio Borgna

Spirituality/religiosity and psychiatry in Eugenio Borgna

Marcio Luiz Fernandes*
Marina Massimi**

Resumo: O objetivo deste artigo será mostrar como o tema da espiritualidade/religiosidade é abordado pelo psiquiatra italiano Eugenio Borgna no horizonte da antropologia fenomenológica. Os conhecimentos filosóficos, teológicos e literários são recursos aos quais ele recorre para meditar sobre as questões de sentido que atravessam a experiência humana, como são aquelas da dimensão interior da dor, da fragilidade, das emoções e do respeito à dignidade da pessoa. As edições dos seus livros aparecem acompanhadas por dois índices, um de nomes e outro bibliográfico, com as referências. Utilizamos tais índices para nos orientar no reconhecimento das fontes que mais aproximam Borgna das questões últimas da existência. Em seguida identificamos quatro categorias com as quais foi possível revelar a compreensão da espiritualidade/religiosidade em Borgna, a saber: o sentido do humano, da transcendência, do sofrimento e da interioridade. Nota-se, por fim, que o acesso a esse tipo de produção fenomenológica, no âmbito da saúde, pode reforçar a consciência sobre a necessidade de preparar os profissionais para uma escuta mais atenta a respeito das exigências espirituais e da vontade de sentido dos pacientes.

Palavras-chave: Espiritualidade/religiosidade. Saúde. Fenomenologia. Psiquiatria fenomenológica.

Abstract: The article aims at demonstrating how the topic of spirituality/religiosity is developed by the Italian psychiatrist Eugenio Borgna in the horizon of phenomenological anthropology. Philosophical, theological, and literary knowledge are resources from which Borgna draws elements to meditate on questions concerning the meanings that permeate human experience in its interior dimension, such as pain, fragility, emotions, and respect for human dignity. His books are edited with name and bibliographic indexes used as a guiding map that indicates the sources that approach Borgna the most to the ultimate questions of existence. Afterward, this work identifies four categories with which it is possible to unveil Borgna's comprehension of spirituality/religiosity: the meaning of the human, transcendence, suffering, and interiority. Finally, the article concludes that this phenomenological approach may reinforce the conscience that professionals in the health field need to be prepared for attentive listening concerning their patients' will of meaning and spiritual demands.

Keywords: Spirituality/Religiosity. Health. Phenomenology. Phenomenological Psychiatry.

* Professor Adjunto do PPG em Teologia da PUCPR (Curitiba-PR). Doutor em Psicologia (USP, São Paulo-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Tempo, Memória e Pertencimento do IEA. ORCID: 0000-0002-0944-1676 – contato: marciovisconde@yahoo.com.br

** Professora Colaboradora Senior do Instituto de Estudos Avançados da USP (São Paulo-SP). Pesquisadora CNPq Produtividade 1-A. Doutora em Psicologia (USP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-9103-9960 – contato: mmassimi3@yahoo.com

Introdução

No contexto dos processos de humanização no campo da saúde, vê-se cada vez mais a necessidade de uma cooperação interdisciplinar que possa iluminar as práticas do cuidado e da dignidade da pessoa humana. Porque não se deve esquecer que humanizar as relações entre os profissionais de saúde, famílias e as pessoas assistidas tornou-se uma prioridade. Tal perspectiva educativa está bem expressa, por sua vez, pelo princípio de integralidade, que é um dos pilares da atenção básica, adotado nas políticas públicas de saúde no Brasil. A integralidade “busca atender aos aspectos orgânicos, emocionais, sociais e espirituais envolvidos no processo de adoecimento dos pacientes dentro de uma contextualização social” (Fontoura; Mayer, 2006, p. 534). Todas as palavras que derivam desse princípio, como acolhimento, cuidado, empatia, gentileza, compaixão e humanidade, encontram ressonância profunda quando se propõem refletir sobre os temas da área de espiritualidade e da saúde.

O conhecimento no campo tanto das ciências naturais quanto das humanas exigem o exame “de pontos de vista múltiplos e dialéticos para fugir à tentação de reduzir os horizontes infinitos do conhecimento” (Borgna, 2009a, p. 37). Essa é a razão pela qual pode-se, hoje, falar do sentido da complexidade, cujo valor epistemológico e metodológico se aplica de modo significativo quando se examina o território das realidades psicopatológicas e clínicas. Nesse horizonte, não há espaço para simplificações porque o acesso ao conhecimento tanto de um estado de ansia, quanto da depressão ou de qualquer condição psicótica exige uma atenção à multiforme complexidade das estruturas de significado em jogo. Na perspectiva da antropologia filosófica fenomenológica, a complexidade da pessoa humana é representada na forma de uma estrutura tridimensional constituída pela corporeidade, o psiquismo e o mundo espiritual. (Ales Bello, 2004). Essa estrutura não é estática e, sim, uma unidade dinâmica que se expressa, na visão de Edith Stein, em termos de uma força vital que se manifesta segundo esses três diferentes níveis, todos eles interconexos, como força corporal, força psíquica e força espiritual (Stein, 2000). Neste sentido, não existe solução de continuidade entre as vivências corpóreas, psíquicas e espirituais da pessoa, podendo cada uma delas interferir nas outras. Desse modo, a dimensão corpórea pode influenciar os atos psíquicos e espirituais e a dimensão espiritual pode determinar disposições psíquicas e corpóreas.

Neste artigo, nos ocuparemos de mostrar a visão de um psiquiatra de inspiração fenomenológica, Eugenio Borgna – professor emérito de psiquiatria do Hospital Maior de caridade de Novara e livre-docente em clínica de doenças nervosas e mentais da Universidade de Milão – sobre temas relacionados à dimensão espiritual do ser humano. No entanto, partimos da compreensão de que a espiritualidade é algo mais amplo do que a religiosidade e esta, por sua vez, se refere a uma forma de expressão da primeira (Esperandio; Corrêa 2017). Conforme Brito Pinto (2009, p. 74) “a espiritualidade implica uma referência ao sentido, enquanto a religiosidade implica uma referência ao transcendente”. Estamos conscientes, por outro lado, da distinção e compenetração conceitual entre espiritualidade e religiosidade. Compreendemos essa dimensão como aquele conjunto de exigências e perguntas pelo sentido e propósito global da vida que, no âmbito da fenomenologia, foram desenvolvidos por filósofos como Husserl, Edith

Stein, Heidegger, Weil e por mestres como Binswanger, Jaspers e Minkowski, responsáveis pelo desenvolvimento de uma psicologia e psiquiatria fenomenológica. Com efeito, segundo a perspectiva evidenciada nos últimos decênios do século XX:

A grande maioria das contribuições da fenomenologia husserliana e das filosofias da existência à pesquisa em psicopatologia gradualmente conduziram a uma revisão das questões fundamentais da ciência médica psiquiátrica mesma, solicitando uma reformulação do relacionamento do psiquiatra com o sintoma e com a pessoa humana que o expressa”. Especialmente nos últimos decênios do século XX, “a abordagem fenomenológica dirigiu-se gradualmente a uma global reformulação dos temas existenciais da psiquiatria e a uma maneira radicalmente diversa de exercitá-la: um salto qualitativo, no verdadeiro sentido do termo, que tem suas raízes na orientação fenomenológico-existencial e na sua antropologia filosófica. (Manganaro, 2006, p. 86).

Na Itália, essa abordagem foi introduzida por Bruno Callieri e posteriormente, a partir de 1965, apropriada também pelo movimento da reforma psiquiátrica encabeçada por Franco Basaglia, do qual o próprio Borgna participou. Pode-se, então, dizer que o método presente nos textos de Borgna está ancorado em premissas de matriz fenomenológica e psicopatológica que o conduziram à vivência da psiquiatria em sua vertente metodológica de ciência da natureza e ciência humana.

As elaborações teóricas de Borgna (2003; 2007; 2009a; 2009b; 2011; 2012; 2013; 2020) apresentam um modelo de análise qualitativa das histórias de vida que foram marcadas por feridas e “dores da alma”. A seu ver, importa ao psiquiatra e aos que oferecem cuidado estar cientes da “complexidade dos elementos envolvidos na constituição de cada experiência singular” (Borgna, 2007, p. 212) e saber distinguir as diferentes linguagens: aquelas do corpo, da psique, da razão e do espírito. É possível notar em seus escritos uma reflexão fenomenológica orientada para análise dos modos de ser dos sujeitos marcados pela angústia, pela ansia, pela melancolia, pelo sofrimento da espera, pela estranheza com relação ao acometimento de uma doença.

Além disso, Borgna defende que os profissionais da saúde precisam ser ajudados por meio dos conhecimentos filosóficos, teológicos e literários a meditar sobre como se comportar frente às questões radicalmente humanas, como são aquelas da dimensão interior da dor e da doença, da subjetividade, da fragilidade e do respeito à dignidade do enfermo. E, nesse horizonte, “cada palavra e cada gesto, cada silêncio e cada omissão apresentam-se como mensageiros de sentido ou de antessentido para os que se encontram em situações de sofrimento” (Borgna, 2009, p. 95). A dificuldade consiste no ocultamento das questões profundamente religiosas e espirituais do ser humano. Em geral, o discurso sobre a alma, suas inquietações e paixões, tende a ser sufocado pela linguagem cartesiana e reificante. Conforme Ishara, Cardoso e Loreiro, no mundo contemporâneo, as pessoas encontram-se privadas da capacidade de reconhecer aquilo que confere ao seu próprio mundo-da-vida um valor humano e, ao mesmo tempo, “se vêem diante do crescimento de diversas formas de sofrimento psíquico e de desarticulação comunitária” (Ishara et al.; 2013, p. 20). Nesse contexto, parece-nos conveniente fixar a atenção no procedimento presente nos livros do psiquiatra italiano para quem a incursão em escritos poéticos, místicos e teológicos se tornaram fundamentais para a elaboração de um discurso psicopatológico “aberto a acolher as diversas questões temáticas e sensível as intuições imemoráveis” (Borgna, 2003, p. 38). Tais intuições

imemoráveis recolhidas por Borgna, nesses escritos, tem relação com uma visão que busca compreender o ser humano na sua totalidade, recusando os reducionismos e aberto às suas exigências.

Para poder recolher as principais ideias de Borgna com relação ao tema da espiritualidade/religiosidade, nos servimos, em primeiro lugar, dos índices presentes nas edições dos seus livros que trazem consigo a lista dos nomes e das referências bibliográficas. Utilizamos tais índices para nos orientar no reconhecimento das fontes que mais aproximam Borgna das questões últimas da existência. Em seguida, identificamos quatro categorias com as quais foi possível revelar a compreensão da espiritualidade/religiosidade em Borgna, a saber: o sentido do humano, o sentido da transcendência, o sentido do sofrimento e o sentido da interioridade.

O sentido do humano: na escuta das narrativas interiores

Em *As figuras da ansiedade* (2009a), o psiquiatra italiano oferece-nos um quadro amplo de relatos clínicos nos quais se evidencia como a ânsia e a depressão têm direta repercussão na linguagem do corpo. Nesse texto, por sua vez, encontramos sínteses contundentes a respeito de como se pode compreender o trabalho em psiquiatria no horizonte dos modelos interpretativos da fenomenologia. Na esteira de Binswanger, cujo trabalho consistia em analisar os diferentes estratos da existência adoecida, Borgna preconiza para a psiquiatria a necessidade de uma escuta gentil que ocorre quando o acompanhamento de cada paciente toca as dimensões bio, sócio, psíquico e espiritual da pessoa:

Em psiquiatria não estamos tratando com doenças, mas com pessoas que estão imersas na dor e no sofrimento e que, antes de qualquer coisa, pedem desesperadamente ser ouvidas e ser aceitas na própria debilidade e na própria alteridade. (...) Ao acompanhar cada paciente no caminho (longo ou breve; rápido ou estendido) da sua angústia e da sua depressão, do seu sofrimento e da sua dissociação, não posso deixar de ter sentimentos de reconhecimento pelo radical testemunho humano e pela infinita gentileza de ânimo que em cada paciente se manifestam com crepuscular autenticidade. (Borgna, 2009a, pp. 34-35, tradução nossa).

Neste sentido, para Borgna, a compreensão das condições ambientais de cada paciente e a descrição das histórias de vida interior são absolutamente necessárias, pois tal perspectiva fenomenológica provoca mudanças no modo de encontrar cada paciente, vistos não mais como corpos doentes, mas como pessoas com exigências de transcendência. Já essa atenção pela pessoa em sua integralidade começa a se tornar ainda mais clara quando, no ano de 1963, Borgna faz seu ingresso como médico psiquiatra do Hospital de Novara, na Itália. O mais surpreendente, no entanto, é que irá se inserir em um ambiente de trabalho no qual manterá contato constante com psiquiatras como Enrico Morselli, Ferdinando Barison, Bruno Callieri, Danilo Cargnello e Franco Basaglia, os quais foram responsáveis por ensinar “uma psiquiatria tecida de cultura e humanidade que, movendo-se a partir da fenomenologia, demonstrava ser inconciliável a permanência dos manicômios italianos com a dignidade e respeito à vida dos pacientes” (Borgna, 2020, p. 60). E será em Binswanger que Borgna encontrará os fundamentos

para proceder na descrição da conexão espiritual dos conteúdos das vivências (*Erlebnisse*) cuja função será propiciar a unidade de sentido da vida. Diz Binswanger:

Assim, o aprofundamento da história interior, tanto da parte do indivíduo que a vive quanto da parte de um estranho, leva ao núcleo mais próprio e mais singular do indivíduo, conduz-nos à sua autêntica essência. Pensemos em como um indivíduo sozinho não seria capaz, de fato, de reconhecer corretamente o sofrimento e interpretá-lo com todas as suas consequências. O indivíduo sozinho estaria abandonado a uma psicose histórica, ou à negação ou remoção da situação real. Já outra pessoa poderia estar exausta com a luta sem resultados, com inúteis esforços contra o destino. Um outro ainda frente à descoberta do sofrimento se deixaria levar pelo desprezo ao mundo, ao ódio por Deus. Um quarto indivíduo recorreria ao suicídio. [...] Portanto, na história da vida interior se desdobra e se plasma a essência interior do homem, a sua pessoa espiritual; com base na história interior, e somente baseado nela, podemos aprender a conhecer a pessoa espiritual. O processo deste conhecimento é constituído pela explicitação e pela interpretação histórico-hermenêutica e psicológico-hermenêutica, da qual não podemos nos ocupar agora (Biswanger, 1955/2007, pp. 54-55, tradução nossa).

Com efeito, retomando a temática das fontes e dos mestres de Borgna, pode-se deduzir que o tipo de abordagem metodológica por ele proposta depende da concepção fenomenológica a respeito da pessoa humana. O modo de tratar os relatos dos seus pacientes leva em conta os estratos mais diversos da estrutura da pessoa e é devedora da visão de Binswanger, que se interessava pela descrição da história da vida interior. O mesmo se pode afirmar com relação à dívida de Borgna com a chamada “escola da arte de compreender”, cujos principais representantes são Edmund Husserl e Edith Stein. Na parte introdutória do livro *A Estrutura da pessoa humana*, a discípula de Husserl nos apresenta uma síntese deste trabalho de compreensão:

Se o conhecimento é a compreensão espiritual de um ente, devemos dizer, então, que conhecemos a característica peculiar de um ser humano. Tal característica se revela em múltiplas formas de expressão nas quais a interioridade se mostra e nós compreendemos esta linguagem. Todavia, nesta compreensão, como em todas as funções da alma, existem diferenças que dependem das capacidades e do exercício. A personalidade individual se exprime também em formas que podem continuar a existir independentemente desta, isto é, por meio de algo escrito, no estilo de sua linguagem que pode estar depositado em cartas ou em outras expressões literárias, em diversas obras, e também nas impressões que estas suscitaram em outros seres humanos. Recolher tais fontes e fragmentos, de modo possivelmente completo, constitui o trabalho preliminar do historiador. [...] Assim, obras primas históricas e as obras primas de uma arte capaz de abrir a alma assumem um altíssimo significado como introdução e exercício para a compreensão da especificidade individual. (Stein, 2000, p. 58, tradução nossa).

O desejo é, portanto, buscar um discurso em psiquiatria que possa mover-se nas fronteiras e sondar os abismos misteriosos da interioridade humana. Como diz Stein, as obras primas de um Dostoevskij, de Tolstoj e de grandes mestres têm uma indispensável função pedagógica que consiste em nos educar para a arte de penetrar nas profundidades da alma humana. Para esse trabalho, é necessário um distanciamento do mundo da vida cotidiana com suas ilusões e aparências; importa distanciar-se de ocupações exteriores para avançar na descoberta de experiências profundas que vivem em nós: “como aquelas do infinito que é o infinito como experiência subjetiva que nasce dos abismos de nossa interioridade, mas que não são distintas do infinito como experiência mística” (Borgna, 2015, p. 12).

Nesse cenário se configuram diferentes perspectivas que são abertas pelo trabalho de Eugenio Borgna. Uma primeira diz respeito ao fato de que para ele a psiquiatria tem necessidade de uma reflexão crítica sobre as diferentes situações com as quais se confronta e, por esta razão, precisa um constante treino para a escuta e o diálogo, “com uma participação emocional e mergulho nos pensamentos e sentimentos dos pacientes” (Borgna, 2003, p. 32). Outro tópico significativo das inversões de perspectiva operadas por Borgna consiste em dizer que o médico psiquiatra não está tratando de doenças, mas de pessoas em sofrimento. Desse modo, compreender o mundo da vida (*Lebenswelt*) de cada pessoa portadora de uma experiência, seja ela neurótica ou psicótica, depressiva ou ansiosa, esquizofrênica ou maníaca exigem a sensibilidade de combinar teoria e prática:

Em psiquiatria, teoria e prática, alta reflexão e concretas aplicações práticas estão reciprocamente ligadas. O sentido e a medida do sofrimento que existe em nós, e a sua mudança terapêutica, não dependem só das farmacoterapias e das rigorosas psicoterapias mas, dos modos e dos lugares nas quais as pessoas são assistidas e cuidadas (Borgna, 2009a, p. 31, tradução nossa).

Assim, a psiquiatria não deve esquecer das questões da interioridade, da subjetividade e das emoções. Aliás, “o objeto de pesquisa em psiquiatria tornam-se os vastos territórios da vida interior, [...] que aparece como horizonte de sentido de todo o conhecimento fenomenológico em psiquiatria” (Borgna, 2003, p. 107). Além disso, será necessário um esforço e disposição em colher as inspirações que provêm das criações poéticas presentes na literatura e, sobretudo, nos textos narrativos, místicos, filosóficos e teológicos. Esses textos são guardiães da grande solidão interior. Contudo, se queremos falar de um agir terapêutico que, como frisa o autor, está sempre condicionado por uma determinada visão teórica, será preciso, então, reconhecer que há uma psiquiatria alternativa capaz de captar os sinais de cada experiência psicopatológica porque aprendeu a ter uma sensibilidade intuitiva perscrutando os grandes relatos. Tudo isso remete a considerações sobre o futuro da psiquiatria e, em particular, para a descoberta daquelas áreas temáticas que, nas fronteiras com a filosofia, a psicologia e a teologia, tratam questões de grande relevância ética e humana como o tema do medo, da memória nas suas lacerações, da morte e do morrer. Afirmando tais temas com suas ressonâncias éticas, destaca-se a importância da psiquiatria para conferir a essas áreas conotações gentis e humanas. No entanto, o psiquiatra italiano reconhece:

Obviamente, sei muito bem que uma psiquiatria como esta seja considerada, hoje, rapsódica. Não obstante tudo isso, sei que esta se nutria da linfa vital que consentiu a Franco Basaglia realizar uma extraordinária e inimaginável revolução cultural e humana, ética e social (Borgna, 2020, p. 140, tradução nossa).

Como atesta Borgna em seus escritos (2011; 2016a; 2016b; 2016c; 2017a), há uma psiquiatria que considera substancialmente inútil a escuta dos pacientes e que está interessada somente em reconhecer os sintomas. Tal prática, porém, se esquece de que, junto com a busca pelo conhecimento dos sintomas, encontra-se algo ainda mais importante, que consiste em decifrar os diferentes significados presentes nas vivências dos pacientes em sofrimento psíquico:

Em uma psiquiatria para a qual seja estranha a interioridade – a vida emocional – de cada paciente não existe espaço senão para a aplicação de questionários, estruturados ou semi-estruturados, mas que da vida interior revelam apenas segmentos atomizados e congelados: esvaziados de sentido. (Borgna, 2016a, p. 34, tradução nossa)

Nas trilhas das reflexões sobre a esperança proposta pelo existencialista Gabriel Marcel, Borgna vislumbra uma psiquiatria humana, frágil e destituída de certezas. Ele rejeita uma psiquiatria aprisionada nas dimensões científico-naturais do sofrimento psíquico e propõe combinar a dimensão orgânica do sofrimento com aquilo que emerge do conhecimento emocional proveniente das razões do coração (Borgna, 2016c). Em todo o caso, o que aproxima as duas dimensões é a consciência de que se deve promover uma psiquiatria que ajude a formar uma “comunidade de cuidado” ou, ainda mais, possa se tornar uma “comunidade de destino” (Borgna, 2016a, p. 14). A característica principal da comunidade de destino é que nela se dá especial atenção ao cuidado espiritual e ao dinamismo da vida interior que promove relações intersubjetivas mais profundas.

O sentido da transcendência: o exame das emoções

Para compreender o significado da espiritualidade/religiosidade nos escritos de Eugenio Borgna, é útil perceber a descrição do universo das emoções que operam no sentido de conduzir o eu para além de si mesmo. Todos somos conscientes das múltiplas emoções e paixões que habitam a alma do ser humano e conseguimos avaliar as suas implicações nas várias dimensões da vida. Borgna, seguindo os passos da análise husserliana, nos diz que o elemento comum presente em todas as emoções é aquele da transcendência como horizonte de conhecimento, o qual conduz o ser humano a ultrapassar os próprios confins e se fazer aberto ao mundo das coisas e das pessoas.

No livro intitulado *As emoções feridas*, as reflexões versam sobre a vida interior, sobre as paixões da alma humana e os seus significados para a psiquiatria fenomenológica. Trata-se de uma psiquiatria que tem por preocupação aproximar-se dos abismos das almas feridas pela angústia, pela tristeza, pelas inquietações e pelas dores e alegrias experimentadas e expressas pelos pacientes por meio da linguagem metafórica (Borgna, 2012). Neste sentido, Borgna incorpora o que aprendeu na leitura frequente de Romano Guardini – teólogo nascido em Verona em 1885 e que viveu na Alemanha, pois o pai exercia o cargo de cônsul no país –, principalmente em torno dos temas da gentileza, das virtudes, da ética, do valor do silêncio e da solidão. De fato, em Guardini o tema da solidão está posto em diversos estratos, abrangendo os aspectos psicológicos, humanos e espirituais. Para Guardini, a experiência vivida pelo ser humano de ser insubstituível e, ao mesmo tempo, ter consciência de que é um ser solitário, impede todo tipo de invasão do espaço pessoal, porém, esta condição faz brotar “o sentimento de uma inquietante inautenticidade” (Guardini, 2013, p. 84). Mas, por sua vez, o reconhecimento dessa condição solitária e do lugar do silêncio para o ser humano permite a Guardini descrever, de forma poética, a dimensão fenomenológica do encontro face-a-face. Em todo caso, o que aproxima Borgna de Guardini é a forma como este último trata a questão

do encontro humano pelo olhar, caracterizando os olhos como as janelas da alma e, portanto, evocando a linguagem dos gestos do corpo. Assim, a perspectiva fenomenológica adotada por Borgna revela que o método para decifrar o universo emocional consiste em prestar atenção aos gestos, aos olhares, às vozes. As emoções revelam-se mais nos gestos do que na ação discursiva. Deter-se, por exemplo, nas expressões do olhar do outro no acompanhamento de alguém significa praticar

Outro filósofo-teólogo do passado citado, de modo frequente na maioria dos textos de Borgna, é Agostinho de Hipona. São citações muito frequentes e em quantidade semelhante, por exemplo, às daquelas de autores da área da psiquiatria fenomenológica como Binswanger, Jaspers, Minkowski e Callieri. De fato, ao citar de forma tão abundante o teólogo/filósofo africano da época patrística, Borgna revela a dívida e fidelidade ao estilo do psicopatólogo Eugène Minkowski, que, por sua vez, havia construído todo o seu tratado de psicopatologia em torno da análise da temporalidade agostiniana. Em Agostinho, encontram-se considerações de matriz fenomenológicas para descrever o tempo, a memória, a solidão e, em particular, a função das lágrimas. A obra “As confissões” de Agostinho simboliza o grande livro das lágrimas, onde estão expressas as dores, as angústias, mas também as emoções como a alegria, o riso, a tristeza, a ira e a ternura. Trata-se, para o psiquiatra italiano, de páginas nas quais se desvela a alma humana:

A fenomenologia das lágrimas, a sua significação religiosa e humana, a sua misteriosa oferta de sentido, a sua dignidade, o seu brotar da infinita dor que se tem pela perda de pessoas caras, a sua abertura à esperança. Tudo isso renasce luminosamente destas páginas que não podem ser lidas sem uma profunda emoção e sem senti-las próximas às nossas mais comuns experiências de vida. Somos levados a imaginar que o destino dos olhos não seja só aquele de ver, mas também aquele de chorar; testemunhando o insondável mistério da alma que na dor se refugia no corpo vivente (Borgna, 2013, p. 200, tradução nossa).

Esta fenomenologia das lágrimas – presente no último capítulo do livro *A dignidade ferida* – é desenvolvida por meio da experiência vivida não só por Agostinho, mas também por Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Todos esses santos escreveram textos nos quais as lágrimas têm importância espiritual e humana, assumindo uma dimensão metafísica. “As lágrimas, no seu valor simbólico e teológico não foram estranhas à experiência mística de João da Cruz” e, ainda mais, para este último era necessário, por meio da metáfora das lágrimas, passar a expressar a condição emblemática da noite escura da alma, “metáfora central do pensamento poetante deste santo que está colocada numa experiência mística opaca e negativa, acompanhada por angústia e lágrimas, mas que está aberta à luz redentora da graça” (Borgna, 2013b, p. 202, tradução nossa). Já nos escritos de Teresa de Ávila, em particular na sua obra *Castelo interior ou moradas*, temos não só a descrição da interioridade, mas uma longa meditação sobre o sentido da experiência interior da solidão que permite reconhecer a extraordinária qualidade com a qual ela sabia exprimir este processo de introspecção.

Para Borgna (2003; 2017b) a tarefa é sempre aquela de tentar encontrar palavras que possibilitem dar voz às emoções sem pretender, em primeiro lugar, racionalizar, objetivar e reificá-las. As emoções aparecem como experiências humanas que tornam a

vida digna de ser vivida e, neste sentido, permitem que o cuidado possa se concretizar. O instrumento essencial utilizado pela psiquiatria para “descrever as emoções e as paisagens crepusculares da alma são as imagens e as metáforas” (Borgna, 2003, p. 31). Essa linguagem pode ser enriquecida com a leitura da poesia, da literatura mística e filosófica. Os que advertem um mal estar precisam de palavras e gestos de outros para tornar a vida menos dolorosa (Borgna, 2017). Desse modo, o trabalho de acompanhamento consistirá em ajudar a dar nomes às emoções que povoam a vida interior dos pacientes. O cuidado em psiquiatria e os gestos terapêuticos não podem ter início sem, antes, ter a coragem de entrar em relação com o outro, isto é, “sem antes escavar as emoções silenciosas dos que solicitam ajuda” (Borgna, 2012a, p. 29) e sem reconhecer a sua intencionalidade de transcendência. Em estudo sobre as formas de felicidade, Borgna (2012 b) deixa claro que, na perspectiva de uma psiquiatria fenomenológica, não é possível deixar de refletir sobre as vivências felizes sem confrontá-las com os momentos de sofrimento e infelicidade. Os temas que ele ilustra neste terreno têm a finalidade de:

Ajudar a reconstruir e a reviver as emoções perdidas, complexas e inatingíveis – como a felicidade e a infelicidade – é uma meta e uma tarefa que não pode nem mesmo ser proposta, senão no contexto de uma atitude psicoterapêutica em senso lato, que permita a alguns de nós, psiquiatras ou não, esboçar uma comunidade de destinos que nos faça sentir e experimentar a dor e a esperança, a felicidade e a infelicidade dos outros como se fossem nossas emoções ou nossos humores. Quando isso acontecer, então, estaremos permitindo que aquele que sofre e aquele que parte em busca das terras misteriosas da felicidade e da alegria possam dar voz às emoções que revivem, e, nestes dois modos de ser e de se confrontar com as emoções perdidas (ou buscadas) esconde-se, talvez, o segredo de cada psicoterapia e de cada relação de apoio” (Borgna, 2012 b, p. 72, tradução nossa).

Nota-se, nessas linhas, a grande sensibilidade para descrever os modos de ser que cada emoção revela. Ele ensina que não existe farmacoterapia que possa transcurar a importância do contexto interpessoal no qual pelo encontro terapêutico, o paciente e terapeuta reconstroem e revivem as emoções. A doença modifica profundamente os modos de viver das pessoas, tornando-as mais frágeis e vulneráveis e, assim:

[...] conhecer a psicologia de uma pessoa doente, a sua fragilidade, é possível se refletimos sobre as transformações que acontecem em nós quando uma doença nos atinge. Não é necessário fazer estudos de psiquiatria para chegar a conhecer quais sejam os estados de ânimo e as emoções, as fragilidades, de uma pessoa doente; mas são necessários dotes de sensibilidade e de atenção, de intuição e de generosidade, de introspecção, que estão presentes ou ausentes independente dos estudos que alguém tenha realizado (Borgna, 2007, p. 200, tradução nossa).

Podemos observar que nos encontramos diante de uma modalidade de conhecimento que exige muita atenção e sensibilidade. A forma diferente de olhar para as pessoas e considerá-las em sua interação com a comunidade e o mundo exige – por parte dos profissionais da saúde e, em particular, pelos psiquiatras – a capacidade de frequentar as narrativas mais diversas como, por exemplo, aquela da experiência mística que “nos fazem refletir sobre os abismos da alma, seus sofrimentos e lacerações, suas esperanças e suas feridas” (Borgna, 2017 a, p. 52).

O sentido do sofrimento: lições dos campos de concentração

O primeiro e decisivo personagem citado por Borgna em seus livros (2011; 2016a; 2016b; 2017a; 2020) é do teólogo e pastor protestante Dietrich Bonhoeffer. Um dos textos deste autor que são objeto de comentário por parte de Borgna é o poema intitulado “Quem Sou Eu?” presente no livro *Resistência e Submissão*. Aí, mais do que a formulação teórica, é interessante se deter na interpretação sugerida, segundo a qual, neste texto poético, está espelhada a emblemática experiência humana da estranheza. Trata-se de uma narração do que Bonhoeffer – como prisioneiro – conheceu nas desumanas e violentas condições da prisão nos campos de Berlim no período de 5 de abril de 1943 a 9 de abril de 1945, quando foi conduzido à morte. As poesias e as cartas deste teólogo alemão contêm reflexões sobre o viver e o morrer, sobre a presença e a ausência de Deus, sobre a espera e a esperança. Essa última vivência, a da esperança, é o núcleo fundamental do poema para Borgna.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que saio da minha cela
tão sereno, alegre e firme
qual dono de um castelo.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que da maneira como falo
aos guardas, tão livremente,
como amigo e com clareza
parece que esteja mandando.

Quem sou eu? Também me dizem
que suporto os dias do infortúnio
impassível, sorridente e com orgulho
como um que se acostumou a vencer.

Sou mesmo o que os outros dizem de mim?
Ou apenas sou o que sei de mim mesmo?
Inquieto, saudoso, doente,
como um passarinho na gaiola,
sempre lutando por ar, como se me sufocassem,
faminto de cores, de flores, às vezes de pássaros.
Sedento por palavras boas, por proximidade humana,
Tremendo de ira a respeito da arbitrariedade e ofensa mesquinha,
nervoso na espera de grandes coisas,
em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
cansado e vazio até para orar, para pensar, para produzir,
desanimado e pronto para me despedir de tudo? (Bonhoeffer, 1968, p. 173)

Segundo Bonhoeffer, era necessário aprender a avaliar os outros a partir não daquilo que realizavam ou deixavam de fazer, mas por aquilo que sofriam. Essa seria a dimensão social da gentileza – recordada nos textos da tradição bíblica (Dt. 24, 17-18) com relação aos estrangeiros, órfãos e viúvas – de capital importância para a situação contemporânea, já que se corre o risco de diminuir o sentido da dignidade do sofrimento e também o sentido da solidariedade e da comunhão com os sofredores (Borgna, 2013b).

Outra figura que aparece com frequência nos índices de nomes dos livros de Borgna é de Etty Hillesum. Ela representa a experiência dolorosa e solitária nos campos de concentração de Westerbork e Auschwitz. Entretanto, o que merece ser assinalado é a capacidade de Hillesum em suplicar e implorar palavras que lhe pudessem dar força. A oração que encontramos nos seus diários, escritos entre 1941 e 1942, nos faz compreender as razões pelas quais Borgna insiste em propor a leitura dessa jovem mulher. Borgna esforça-se em assinalar a utilização do diário, por parte de Hillesum, como um recurso para dar um novo significado à vida, mesmo não podendo alterar as condições aversivas a qual estava submetida. Em forma de oração ela diz: “Dai-me um pequeno verso por dia, meu Deus, e se não poderei escrevê-lo porque as folhas terminaram ou porque faltou a luz, então o direi baixinho, no final da tarde, ao teu grande céu” (Borgna, 2012, p. 206). Os versos de Hillesum nos envolve no luminoso mistério de palavras gentis, ternas e cheias de esperança com as quais o ser humano se volta para Deus pedindo só um pequeno verso de cada vez para poder manter-se na vida. E Borgna comenta:

Para além de toda a angústia e de toda a solidão, para além de toda condição de vida e deste viver que já era um morrer, não morria no coração de Etty Hillesum a esperança em uma frágil e temerária palavra poética a qual desejava o seu coração; como uma âncora de salvação humana e espiritual (Borgna, 2013a, p. 186, tradução nossa).

Nos últimos anos de sua vida, Etty Hillesum dedica-se ao gesto simples de depositar por escrito o conteúdo de suas vivências na forma de um diário, demonstrando que, nas condições mais terríveis do seu isolamento, o ser humano pode conferir um sentido. Essa jovem mulher holandesa conseguiu promover uma transformação na sua condição de prisioneira e passou a vivenciar espiritualmente a solidão por meio de uma intensa atividade criativa:

Gosto de ter contato com as pessoas. Tenho a impressão de que a minha intensa participação leva luz para a parte melhor e mais profunda delas. As pessoas se abrem diante de mim, cada uma é como uma história contada pela própria vida. E os meus olhos encantados não podem senão ler cada uma delas. A vida me confia assim tantas histórias, deverei narrá-las para outros, torná-las evidente àqueles que não são capazes de lê-las diretamente. Meu Deus, me concedeste o dom de poder ler, me concederias também o dom de poder escrevê-las? (Hillesum, 1985, p. 207, tradução nossa).

Esse relato escrito às portas de sua deportação para os campos de concentração ressoa como um convite e estímulo para documentar as narrativas de homens e mulheres que, por meio da experiência religiosa/espiritual, são capazes de ressignificar a dor, a doença e o próprio sofrimento. A psiquiatria que se dedica às histórias clínicas deveria pelo menos ter uma “faísca deste tipo de sensibilidade de participação humana com a qual Etty Hillesum se aproximava das pessoas para saber reconhecer as partes melhores e mais profundas expressas em suas trajetórias de vida” (Borgna, 2007, p. 207). Como não recordarmos aqui da narrativa de Viktor Frankl que justamente, em condições similares, registra as suas experiências nos campos? Ele elabora uma antropologia na qual a dimensão espiritual – identificada como vontade e liberdade interior – permitem ao ser humano encontrar sentido e transcender frente a dor e ao sofrimento.

O sentido da interioridade: na escola dos filósofos, místicos e santos

Nos livros *A indizível ternura* (2016c) e *A solidão da alma* (2013a), Borgna nos faz percorrer o caminho dos filósofos, dos místicos e dos santos. É como se o psiquiatra italiano, ao se ocupar dessas figuras, quisesse nos fornecer chaves interpretativas para olhar a realidade no seu significado mais profundo. Esse modo de proceder é algo típico que Borgna, acolhe como herança da escola fenomenológica e permite levar a psiquiatria para além da psiquiatria. Ele cita explicitamente Karl Jaspers, que, como filósofo e psiquiatra, afirmava que a leitura dos grandes romances, franceses e russos, eram mais úteis para a interpretação dos fenômenos psíquicos do que os textos de psiquiatria orientados a ser ciência biológica (Borgna, 2007). Essa é uma prática recorrente dentro da escola fenomenológica. Observemos, por exemplo, Martin Heidegger, que propõe uma análise da vida religiosa a partir de figuras como Agostinho, Mestre Eckhart, Boaventura. Mas também é o caso de Edith Stein, que promove uma leitura das obras de Teresa de Ávila, João da Cruz e outros tantos santos carmelitas para mostrar como eles chegaram a escavar na interioridade humana. Por sua vez, Borgna deseja examinar como tais obras iluminam o caminho do conhecimento fenomenológico em psiquiatria e despertam as interrogações pelo sentido profundo das coisas. Desse modo, seu modo de proceder será como diz:

refletir sobre a influência que o pensamento e a vida de Simone Weil, de Leopardi, de Nietzsche, de Rilke, mas também de Etty Hillesum, de madre Teresa de Calcutá e de Santa Teresa de Lisieux, pode ter nas áreas temáticas da psiquiatria como ciência humana: como busca pelo sentido só aparentemente perdido na loucura (Borgna, 2016c, p. 15, tradução nossa).

As obras desses autores apresentam-se, portanto, como parábolas das dores da alma humana e da emblemática solidão que em Teresa de Ávila, Teresa de Calcutá, Teresa de Lisieux, Clara de Assis, Angela de Foligno, Maria Madalena dei Pazzi, Etty Hillesum estão expressas, de forma simbólica, pela busca do ser humano de um “colóquio sem fim com Deus” (Borgna, 2013a, p. 90). Isso significa a disposição de ler e se colocar em diálogo com conteúdos de textos místicos e filosóficos que permitem “conhecer as oscilações sem-fim dos estados de ânimo e as coisas escondidas na profundidade do coração humano” (Borgna, 2003, p. 48).

Ele reconhece, portanto, na figura de Simone Weil e de outros um testemunho humano no qual transparece motivos e chaves de interpretação/conhecimento de cada vida destruída pela dor e de cada vida iluminada pela esperança. No entanto, ele é consciente dos riscos implicados em tal procedimento em termos hermenêuticos. Mas, prefere assumir o risco, justamente em razão de que as perspectivas abertas pela revolucionária lei da reforma de 1978 com Franco Basaglia perdem as suas ressonâncias teóricas e ideais. Basaglia, com a sua revolução, permitiu que ao “sofrimento psíquico fosse dada a dignidade e abriu a psiquiatria aos ideais e às utopias que dão um sentido para a vida” (Borgna, 2017b, p.26). Por outro lado, para além das realizações práticas ocorridas com a reforma de Basaglia, é preciso afirmar que esta teve início “a partir de uma profunda reflexão sobre os fundamentos fenomenológicos da psiquiatria” (Borgna, 2005, p. 23).

Portanto, esse procedimento de encontro com os místicos, os poetas e os santos faz parte daquela necessidade sobre a qual Borgna adverte, de que a psiquiatria precisa

encontrar palavras capazes de criar relações de cura e de fazer aparecer de novo “o discurso infinito da dor e da angústia, da tristeza e do desespero, das inquietações do coração, do silêncio e das vozes” (2017 a, p.82). Mas as palavras que devem ser pronunciadas a uma pessoa em depressão, frágil e desesperada, não são fáceis de encontrar e devem, portanto, estar em concordância entre o modo de viver o tempo do paciente e aquele de viver o tempo de quem cura. Esse é um ponto decisivo com relação à perspectiva apresentada por Borgna e pela psicoterapia de abordagem fenomenológica: não se trata só de conciliar a exigência de tempo cronológico – o médico não tem tempo de ficar escutando as narrativas dos pacientes –, mas, sobretudo o problema é justamente aquele de conciliar (conhecer) o tempo subjetivo daquele que sofre uma depressão com aquele de quem – o médico – está neste caso fora desta situação.

Em todos os livros de Borgna aparecem os nomes de místicos e santos como Teresa D’Avila, Teresa de Lisieux, Teresa de Calcutá, Simone Weil, João da Cruz, Angela de Foligno, Maria Madalena dei Pazzi, Francisco de Assis, Edith Stein e outros. O que pretende nos ensinar o psiquiatra italiano? Em primeiro lugar, emerge o fato de que pela via da experiência mística se pode entrever todas as latitudes da vida: da dor, da agonia, da angústia, da tristeza, da alegria ferida e do desespero, que estão em nós e na situação da loucura. Esses relatos dos santos e místicos, quando descritos na sua humanidade e na capacidade de doar sentido e, sobretudo, na oferta de uma experiência de gentileza, de um espírito gentil, são portadores de experiências e conhecimento da alma. E o importante é que neles estão presentes uma cascata de emoções e paixões que não são estranhas à nossa vida cotidiana. Como diz Borgna:

[...] estamos na vida em busca sem fim dos estados de ânimo, dos sentimentos e emoções que estão em nós e nos outros e, nesta busca, podemos contar com as experiências místicas que demonstram uma abertura ao infinito, certo, mas imersas nos mares extremos, obscuros e somente dificilmente sondáveis da interioridade (Borgna, 2016, p. 193, tradução nossa).

Conclusão

O horizonte temático seguido por nosso autor inspira-se nas tradições da psiquiatria holandesa, alemã e suíça, que sempre foram capazes de olhar para as razões clínicas, mas também para as questões psicopatológicas e fenomenológicas da psiquiatria. Nos seus escritos, Borgna analisa e interpreta a vida interior, as experiências vividas, as emoções que fazem parte do mundo da vida, da *Lebenswelt* de cada um de nós, doentes ou não, partindo de um rico repertório cultural humanista. Compreende-se, desse modo, como já assinalado, que as fontes teológicas, literárias e filosóficas utilizadas por ele tornam-se instrumentos fundamentais para ajudar a iluminar, discernir e decifrar os diferentes fenômenos ligados à busca de sentido e propósito por parte do ser humano. Tal ideia tem estreita relação com os conceitos de espiritualidade/religiosidade, binômio aqui utilizado sem a finalidade de a cada momento esclarecer qual dos dois sentidos prevaleceu. De qualquer forma, a tese defendida por Borgna é de que a psiquiatria não pode deixar de se aliar aos conhecimentos e às experiências da filosofia, da teologia e da literatura que se interessam justamente por áreas análogas àsquelas da psiquiatria:

A psiquiatria é uma ciência ambígua que está relacionada com a dimensão biológica da vida, mas não só com esta, e tem a ver, também e sobretudo, com a sua dimensão psicológica e humana: sem a qual a psiquiatria se destituiu da sua autonomia e se identifica com a neurobiologia: com aquela ciência que coloca a psiquiatria no horizonte gelado e impermeável dos acontecimentos da vida humana, das neurociências e da farmacoterapia como a sua única (exclusiva) fundação curativa (Borgna, 2004, p. 47, tradução nossa).

O percurso aqui apresentado nos sugere a necessidade de se refletir sobre a condição humana que está exposta ao sofrimento – indicado pelos psicólogos em sua prática clínica – como um fenômeno crescente e intenso de desenraizamento que ocorre nos registros ético, estético e religioso/espiritual (Safra, 2004). Essas modalidades de sofrimento humano, por outro lado, colocam em evidência os elementos e os temas que entram no horizonte de sentido e favorecem a chamada “cura da alma”, tais como a espiritualidade, a religiosidade, a religião, a arte, a filosofia, a literatura. Não há, portanto, só um sofrimento gerado no nível psíquico e produto do ambiente social e cultural, há também o nível ontológico-espiritual como crise de sentido demandando uma atenção particular de todas as ciências que se pré-ocupam como o ser humano. A pessoa na sociedade contemporânea está exposta ainda a uma avalanche de sensações e emoções que exigem a capacidade de “distinguir o que é essencial do que não é, o que tem sentido do que não tem” (Frankl, 1990, p. 18). Ressalta-se, por fim, que os princípios que Borgna extrai dos autores da literatura, da teologia e da filosofia citados de modo abundante em seus livros – conforme mostram os índices de nomes e bibliográficos que acompanham as edições – possibilitam iluminar a construção e interpretação das narrativas das pessoas e penetrar com maior profundidade nos aspectos humanos e de sentido emergentes na experiência. Tudo isso ele realiza na esteira da tradição da psiquiatria de matriz fenomenológica. Nota-se, por fim, que o acesso esse tipo de produção fenomenológica, no âmbito da saúde, pode reforçar a consciência sobre a necessidade de preparar os profissionais para uma escuta mais atenta a respeito das exigências espirituais e da vontade de sentido dos pacientes.

Referências

- ALES BELLO, A. Fenomenologia e ciências humanas. Bauru-SP: Edusc, 2004.
- BINSWANGER, Ludwig. Per un'antropologia fenomenologica: saggi e conferenze psichiatriche. Milano: Feltrinelli, 2007.
- BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão. Brescia: Paz e Terra, 1968.
- BORGNA, Eugenio. Le intermittenze del cuore. Milano: Feltrinelli, 2003.
- BORGNA, Eugenio. Il volto senza fine. Firenze: Le Lettere, 2004.
- BORGNA, Eugenio. Come in uno specchio oscuramente. Terza edizione. Milano: Feltrinelli, 2007.
- BORGNA, Eugenio. Le figure dell'ansia. Terza edizione. Milano: Feltrinelli, 2009a.

- BORGNA, Eugenio. *Come se finisse il mondo: il senso dell'esperienza schizofrenica*. Milano: Feltrinelli, 2009b.
- BORGNA, Eugenio. *Malinconia*. Quinta edizione. Milano: Feltrinelli, 2011.
- BORGNA, Eugenio. *Le emozioni ferite*. Seconda edizione. Milano: Feltrinelli, 2012.
- BORGNA, Eugenio. *La solitudine dell'anima*. Milano: Feltrinelli, 2013a.
- BORGNA, Eugenio. *La dignità ferita*. Milano: Feltrinelli, 2013b.
- BORGNA, Eugenio. *Il tempo e la vita*. Terza edizione. Milano: Feltrinelli, 2015.
- BORGNA, Eugenio. *Noi siamo un colloquio*. Seconda Edizione. Milano: Feltrinelli, 2016a.
- BORGNA, Eugenio. *Di armonia risuona e di follia*. Milano: Feltrinelli, 2016b
- BORGNA, Eugenio. *L'indicibile tenerezza: in cammino con Simone Weil*. Milano: Feltrinelli, 2016c.
- BORGNA, Eugenio. *Le parole che ci salvano: la fragilità che è in noi; parlarsi; responsabilità e speranza*. Torino: Einaudi, 2017 a.
- BORGNA, Eugenio. *L'ascolto gentile: racconti clinici*. Torino: Einaudi, 2017 b.
- BORGNA, Eugenio. *Il fiume della vita*. Milano: Feltrinelli, 2020.
- BRITO PINTO, Enio. *Espiritualidade e religiosidade: articulações*. REVER, v. 4, pp. 68-83, Dez. 2009.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CORRÊA, Márcia Regina. *O papel da espiritualidade/religiosidade no fenômeno da drogadicção: uma revisão integrativa de literatura*. REVER, v. 17, n. 2, pp. 73-98, mai/agos. 2017.
- FONTOURA, Rosane Teresinha; MAYER, Cristiane Nunes. *Uma breve reflexão sobre a integralidade*. Revista Brasileira de Enfermagem, v 59, n. 4, pp.532-537, 2006.
- FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1990.
- GUARDINI, Romano. *Antropologia cristiana*. Brescia: Morcelliana, 2013.
- HILLESUM, Ety. *Diario 1941-1943*. Milano: Adelphi, 1985.
- MANGANARO, Patrizia. *A psiquiatria fenomenológico-existencial na Itália*. Memorandum: Memória e História em Psicologia, v. 10, pp. 85-92, 2006.
- SAFRA, G. *A poética na clínica contemporânea*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.
- STEIN, Edith. *La struttura della persona umana*. Roma: Città Nuova, 2000.

Recebido em: 03/07/2020

Aprovado em: 27/03/2021

Conflito de interesses: Não declarado pelos autores.

Este artigo foi avaliado e aceito por dois pareceristas diferentes.

Editor: Antonio Genivaldo C. de Oliveira